

High-Level Thematic Debate on Promoting Tolerance and Reconciliation: Fostering Peaceful, Inclusive Societies and Countering Violent Extremism

New York - United Nations Headquarters

April 21-22, 2015

Nova Iorque – Sede da ONU
Debate temático de alto nível “Promover a tolerância e a reconciliação”
Plenária – 22 de abril de 2015

INVENTAR A PAZ

Dra. Maria Voce

Presidente do Movimento dos Focolares

Quero antes de mais agradecer à Organização das Nações Unidas e à Aliança das Civilizações por este Debate e pelo convite que me fizeram para participar nele. Mas quero sobretudo agradecer-lhes por tudo o que fizeram e continuam a fazer quotidianamente, através de meios diplomáticos, recursos humanos e tudo mais que está ao seu alcance, para favorecer a construção de um mundo mais fraterno, mais seguro e mais pacífico. Conto-lhes uma história.

Em 1943, na terrível fase final da Segunda Guerra Mundial, um grupo de moças se reúne na pequena cidade de Trento, na Itália setentrional. Em meio às bombas, essas jovens, lideradas por uma jovem professora, Chiara Lubich, motivadas por uma renovada compreensão do radicalismo do amor evangélico, decidem arriscar a própria vida para aliviar o sofrimento dos pobres. Um gesto que muitas pessoas, antes e depois delas, realizaram e realizarão (basta pensar nos campos de refugiados no Líbano, na Síria, na Jordânia, no Iraque, ou nas periferias degradantes das megalópolis) que tem a força e o potencial de fomentar, no circuito destrutivo do conflito, o empenho para que se regenere o tecido social, realizando uma ação de *peace-building*. «Eram tempos de guerra e tudo desmoronava» se repete todas as vezes em que se narra a história daquelas jovens; mas elas decidiram romper o círculo vicioso da violência, respondendo com gestos e ações que, no clima do conflito, poderiam parecer utópicos ou até mesmo irrelevantes. Mas não foi o que aconteceu, e não é assim!

Não lhes narro esse acontecimento para recordar um caso de estudo, nem mesmo para indicar um modelo de dedicação a uma causa social, mas para evidenciar que também hoje nos encontramos numa gravíssima situação de desagregação política, institucional, econômica e social, que também exige respostas radicais, capazes de mudar o paradigma prevalente. De fato, o conflito e a violência parecem dominar amplas áreas do planeta, envolvendo pessoas inocentes, consideradas culpadas por se encontrarem em um território disputado, por pertencerem a um determinado grupo étnico ou professarem uma religião em particular.

No Movimento dos Focolares, que tenho a honra de representar, o encontro entre as culturas e as religiões (Cristianismo, Islamismo, Hebraísmo, Budismo, Hinduísmo, religiões tradicionais) é uma experiência contínua e fecunda, que não se limita à tolerância ou ao simples reconhecimento da diversidade, mas vai até mesmo além da fundamental reconciliação, e gera, por assim dizer, uma nova identidade, mais ampla, comum e partilhada. É um diálogo dinâmico, que envolve pessoas de diferentes convicções, até mesmo não religiosas, que impulsiona a olhar para as necessidades concretas, e a responder, juntos, aos desafios mais difíceis no âmbito social, econômico, cultural e político com o compromisso de viver em prol de uma humanidade mais unida e solidária. Isso acontece em contextos que foram ou são caracterizados por gravíssimas crises, como,

por exemplo, na Argélia, na Síria, no Líbano, no Iraque, na República Democrática do Congo, na Nigéria, nas Filipinas.

Este não é um tempo de meias medidas. Se existe um extremismo da violência, devemos responder a isso – sem menosprezar a necessidade de defender-se e de defender, sobretudo, os fracos e perseguidos – com o mesmo radicalismo, porém de maneira completamente diferente, ou seja, com o «extremismo do diálogo»! Um diálogo que requer a máxima abrangência, que é arriscado, exigente, desafiador, que visa arrancar as raízes da incompreensão, do medo e do ressentimento.

A Aliança das Civilizações, que atua no âmbito desta Instituição, propõe uma narrativa alternativa e construtiva da interação global. Almeja evidenciar aquilo que une a humanidade em todas as suas múltiplas expressões, ao invés daquilo que, à primeira vista, poderia dividi-la. É, portanto, de grande importância, falar de uma aliança das civilizações! No entanto, podemos questionar se hoje não se torna ainda mais necessário aprofundar a raiz dessa nova perspectiva, tendo como objetivo não só uma aliança das civilizações, mas aquela que poderíamos chamar de "civilização da aliança"; uma civilização universal, e isso significa que as pessoas consideram-se parte da grande história, plural e fascinante, do caminho da humanidade rumo à unidade. Uma civilização que faz do diálogo a estrada na qual todos se reconhecem livres, iguais, irmãos.

Entre as muitas organizações aqui representadas, permitam-me lembrar também de *New Humanity*, organização não governamental que representa, nesta sede, o nosso Movimento, que promove e apoia as suas iniciativas e que também é parceiro oficial da UNESCO.

Diante de um consenso tão amplo e inclusivo, não posso evitar uma pergunta: a ONU não deveria reconsiderar a sua vocação, reformular a sua missão fundamental? O que significa ser, hoje, a organização das "Nações Unidas", uma instituição que realmente desempenha a sua função de trabalhar pela *unidade* das nações, no respeito às suas riquíssimas identidades? Sem dúvida, é fundamental trabalhar pela manutenção da segurança internacional, mas a segurança, embora indispensável, não equivale necessariamente à paz.

Os conflitos internos e internacionais, as profundas divisões registradas em escala mundial, junto com as grandes injustiças locais e planetárias, exigem uma verdadeira conversão nos atos e nas escolhas da governança global, que realize o slogan criado por Chiara Lubich, e lançado aqui em 1997¹, "amar a pátria alheia como a própria", a ponto de edificar a fraternidade universal.

Finalmente, não devemos dar espaço àqueles que tentam representar muitos dos conflitos em curso como "guerras de religião". A guerra é, por definição, a *irreligião*. O militarismo, a hegemonia econômica, a intolerância em todos os níveis, unidos a muitos outros fatores sociais e culturais, dos quais a religião constitui apenas um trágico pretexto, são, muitas vezes causas de conflito. Aquilo a que assistimos em muitas áreas do planeta, do Oriente Médio à África, tal como a tragédia de centenas de mortos entre as pessoas que, escapando da guerra, naufragam no Mediterrâneo, tem pouco a ver com a religião. De todos os pontos de vista, nesses casos, devemos falar não tanto de guerras de religião, mas, concretamente, de forma realista e prosaica, de religião de guerra.

O que fazer? Chiara Lubich escreveu com esperança e firme convicção depois dos atentados de 11 de setembro de 2001 e das intervenções militares no Afeganistão (2001) e no Iraque (2003): «Não vamos ceder! (...) São muitos os sinais, para que, da grave conjuntura internacional, possa finalmente emergir uma nova consciência da necessidade de trabalhar juntos pelo bem comum, povos ricos e menos ricos, com armamentos sofisticados ou não, religiosos ou não, com a coragem de "inventar a paz". O tempo das "guerras santas" acabou. A guerra não é mais santa, e nunca foi. Deus não quer a guerra. Somente a paz é realmente santa, porque o próprio Deus é a paz.»²

É precisamente esse o válido contributo que as religiões podem dar a essa nova consciência: serem fiéis às suas inspirações fundamentais, à regra de ouro que as aproxima. As religiões querem ser elas mesmas, não um instrumento utilizado por outros poderes, ainda que para fins nobilíssimos, nem mesmo uma fórmula arquitetada para resolver os conflitos ou crises, mas um processo espiritual que se encarna e se torna uma comunidade que compartilha e dá sentido às alegrias e aos sofrimentos de todo o humano, levando tudo a contribuir para a realização da única família humana universal.

Maria Voce

¹ C. Lubich no Simpósio "Rumo à unidade das Nações e à unidade dos povos", Sede das Nações Unidas, 28/05/1997

² C. Lubich, *No alla sconfitta della pace*, Editoriale, Città Nuova, 2003, n. 24